

5

# IDYLIOS MORAES,

QUE  
SOBRE AS QUATRO ESTAÇÕES  
DO ANNO  
COMPOZ  
MILIZEO CYLENIO  
ARCADE LUSITANO

Em 1779.

---

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,  
Lectorem delectando, pariterque monendo.

*Horat. Art. Poet. v. 343.*

---



L I S B O A

Na Offic. Patriarcal de FRANCISCO LUIZ AMENO.

---

M. DCC. LXXXIII.

*Com licença da Real Meza Censoria.*



# PREFAÇÃO.

**S**E conforme Aristoteles, Horacio, Quadrio, Muratori, o Padre Rapin, e todos os mais que escreverão preceitos poeticos, o melhoramento dos costumes deve ser o alvo de toda a Poesia, por não serem outros os seus primarios fins mais que o prazer, e a utilidade; he incontroverso, que em todo o tempo, e muito mais no presente Seculo tão illuminado, sempre deverião os Poetas escolher para assumptos das suas composições materias moraes, e interessantes, e sobre estas discorrer de fórma, que por meio dos seus harmoniosos Versos, e sublimes pensamentos conseguissem a gloria de melhorarem aos seus Leitores, inspirando-lhes o amor da virtude, e o horror do vicio.

Mas tudo passa pelo contrario. Rarissimos são os Poetas, que hoje pegaõ na penna com os olhos nestas importantes maximas: huns por meio dos seus Versos unicamente aspiraõ á aura popular, outros ao luero, ou á introdução com as pessoas grandes; e huma não pequena parte, ou por desafogo, ou por malevolencia, rompem em libellos os mais infamatorios contra os seus adversarios, e até mesmo ás vezes contra os seus proprios amigos, e bemfeitores, a quem vivem consideravelmente obrigados. Não fallo de tantos, que in-

flammados pelas suas amorosas paixões rompem em descripções tão lascivas, que inteiramente corrompem o coração de quem as lê.

Se estes senhores Poetas, antes de pegarem na penna, sériamente reflectissem nas importantes materias, em que se exercêo a Poesia antiga (a): se igualmente se propozessem assumptos interessantes, e sobre estes metrificando, a nenhum outro fim aspirassem mais que á utilidade, e melhoramento do Público, logo se calariaõ tantos, que a cada passo declamaõ contra a Poesia, accusando-a de prejudicial á sociedade, como contaminadora dos bons costumes: e fazendo elles desta Arte hum tão bom uso, eu desde já com Horacio (b) lhes asseguro, que do mesmo modo, que aquelles antigos Poetas, veriaõ os seus nomes, e os seus Versos geralmente honrados.

Eu não pertendo aqui tecer o bem merecido elogio de huma tão bella Arte: nem esta carece, de que eu tome sobre os meus fracos hombros o grave pezo dos seus louvores, e muito menos a sua defesa. Para completo reconhecimento do quanto he util, e até mesmo necessaria, bastaria pôr os olhos nos proveitosos frutos, com que logo no seu principio enriqueceo a Antiguidade por meio

---

(a) . . . . Fuit hæc sapientia quondam  
Publica privatis secernere, sacra profanis,  
Concubitu prohibere vago, dare jura maritis,  
Opida moliri, leges incidere ligno.

Horat. Art. Pœt. v. 396.

(b) Sic honor, & nomen di vinis Vatibus, atque  
Carminibus venit . . . . .

Art. Pœt.

meio dos seus harmoniosos Versos Orfêo, o primeiro, e o pai dos Poetas, soube domesticar os homens silvestres, e por isso se diz que abrandou os Tigres, e os Leões raivosos (c): nem foi menos poderoso o doce canto de Anfião, por meio do qual mereceu o nome de Fundador da Cidade de Thebas, attrahindo ao seu arbitrio os homens ferozes, e deshumanos para a habitarem; por cuja extraordinaria ferocidade se lhes deu o nome de pedras. (d) Homero, e Tyrteo com os seus divinos Versos excitaraõ os valerosos animos dos soldados aos marciaes combates (e): O maravilhoso Poema da Iliada foi o primeiro movel da gloria do grande Alexandre: alli admirando as inimitaveis proezas de Achilles, com huma louvavel emulação obrou outras igualmente famosas, e inimitaveis: só lhe faltou hum taõ perfeito Panegyrista para o inteiro complemento da sua felicidade: por outra parte a Poesia foi a primeira sciencia, e a que abriu caminho aos homens para o descobrimento de tantas, e de tantas Artes, taõ commodas, como neccsarias á sociedade, que vinhaõ de estabelecerem: em huma palavra, para inteiro reconhecimento de quanto he proveitosa,

c

- 
- (c) Silvestres homines facer; interpretque Deorum  
Cædibus, & victu sædo deterruit Orpheus,  
Dictus ob hoc lenire tigres, rabidosque leones. *Ibidem.*
- (d) Dictus & Amphion Thebanæ conditor arcis  
Saxa movere sono testudinis, & prece blanda  
Ducere quo vellet. . . . . *Ibidem.*
- (e) . . . . . Post hos insignis Homerus,  
Tyrteusque mares animos in marcia bella  
Versibus exauit. . . . . *Ibidem.*

e necessaria , bastaria abrir as santas Escrituras , e logo alli se veria esta Arte empregada por todos os Patriarcas , e Profetas nos louvores devidos ao nosso amabilissimo Creador , e na bem merecida gratificaçã de tantos seus preciosos beneficios. Todos devem reconhecer esta verdade ; eu sinceramente a confesso , e por isso com justa razã abomino , e abominarei sempre , os abusos que da Poesia se tem feito , e ainda presentemente se faz.

Discorrendo eu agora pelo immenso campo desta famosa Arte , acho que todos os Poemas pôdem , e devem ser uteis ao Publico. A Epopéa , e a Ode devem inspirar o amor da gloria , e da virtude : a Tragedia o terror , e a compaixã : a Comedia a averaçã aos vicios ; e até mesmo a Satyra mais licenciosa , e mordaz , pôde contribuir consideravelmente para a correcçã dos costumes , reprehendendo os vicios , sem tocar nem ainda levemente nas pessoas , que os praticaõ ; porque em todo o tempo foi licito *dicere de vitiis* ; mas sempre foi preciso *parcere personis* : porém sendo taõ bem regulados , e taõ conforme á razã os limites destes , e de outros mais Poemas , os homens que de tudo abusaõ , romperã logo estes mesmos justos limites , soltando as suas pennas a todos , e quaesquer assumptos , e inteiramente sacudindo o jugo dos preceitos , e do decoro , que lhes deverã servir de freio em todas as suas literarias carreiras : de sorte que lemos na Historia da Igreja ,  
que

(f), que já os Padres, que no quarto Seculo floreceraõ, prohibiaõ aos Catholicos, que presenciassem os Espectaculos tragicos, e comicos, como perigosos, e prejudiciaes aos seus costumes; cuja pratica se póde ver nas Actas do terceiro Concilio de Milaõ de S. Carlos Borromeo, aonde este santo Prelado, tratando das obrigações do Prégador, lhe impoem a de persuadir aos seus Ouvintes, que se abstenhaõ de verem semelhantes Espectaculos. De taõ longe procedem os ponderados abusos, e as justas censuras, de que se constituem dignos!

Mas parece que necessariamente assim havia de succeder no presente Seculo, em que a cada passo se encontra entre estes pertendidos Poetas, huns que ainda naõ havendo lido os primeiros Elementos da Poetica, com a mais temeraria ousadia se intromettem a fazer Versos sobre quaesquer assumptos; outros que supposto hajaõ estudado, e conheçaõ a fundo os preceitos da Arte, inteiramente os desprezaõ, asseverando, que como naõ saõ divinos, mas sim feitos por homens como elles, por nenhum principio lhes devem viver sujeitos: e por isso vemos tantos destes cahirem em repetidos reprehensiveis erros, quaes saõ o faltarem á observancia do devido decoro, e ao desempenho dos caracteres proprios ás pessoas, que fazem falar nos seus Dramas; concluindo Tragedias com fim feliz, e Comedias com fim funesto, com a  
mais

mais expressa repugnancia da natureza, e fins de semelhantes Poemas: e tropeçando a cada instante nas mais palpaveis incoherencias, e cõtradicções; porque de proposito desprezaõ todos os preceitos, e a perfeita imitação da natureza, que he o verdadeiro, e o unico fim a que todas as bellas Artes se devem encaminhar, e a brilhante Estrella, que servindo-lhes de guia pelo tempestuoso, e vasto mar da Literatura, unicamente os póde livrar de se perderem no mais vergonhoso naufragio.

Esta lamentavel desordem nasce da soberba, ou para melhor dizer, da ignorancia, com que semelhantes Escriitores querem, só porque querem, conseguir hum lugar distincto na Republica das Letras. Se estes Senhores Modernistas, cerrando os ouvidos aos clamores do amor proprio, bem profundassem a origem da Poesia, e dos seus preceitos, achariaõ, que semelhante legislaçaõ não foi arbitraria, nem absoluta, como elles erradamente suppoem, mas sim que Aristoteles, Horacio, e os mais que escreveraõ Poeticas, regulando-se pelas mais perfectas imitações da natureza, que nas melhores obras da Antiguidade, por meio das suas observações descobriraõ, he que taõ importantes maximas estabeleceraõ: assim com as mais famosas Aeademias do Mundo perfeitamente o reconheceo a Arcadia de Lisboa, de que sou indigno Membro: de tal sorte, que geralmente os seus Alumnos, não se contentando com a liçaõ, e estudo das Poeticas de Aristoteles, e Horacio,

até



até mesmo traduziaõ quanto este ultimo escreveu : hum , por todos , o famoso Pedro Antonio Garçaõ , Varaõ superior a todo o elogio , e de quem com verdade se póde dizer , que foi *fama major , quàm fortuna*.

Já no primeiro Seculo da Igreja estranhava o Apóstolo das Gentes , que a sciencia inchasse aos que a possuíaõ : e com quanto maior razaõ criminaria hoje a tantos ignorantes , que infatuados pelos vãos applausos , e adorações do vulgo , soprando passeaõ pelas praças , decidindo tudo com voz de Oraculo , e cegamente mordendo , e desprezando as obras dos mais perfeitos sabios ?

Eu porém , ( beindito Deos ! ) que trago sempre diante dos olhos as muitas preciosas obrigações , que devo áquelle respeitavel Corpo Academico ; que nunca perdi , nem perderei de vista as suas proveitosas lições , os seus saudaveis exemplos ; que sincéramente abomino os apontados abusos , e que tanto temo as suas perigosas , e irreparaveis consequencias : eu mesmo desde já protesto não escrever hum unico Verso sem fim util ao Publico : e se acaso em algum tempo deixei de o praticar assim , eu já com a maior sincéridade detesto toda ; e qualquer obra minha , não só que possa ser prejudicial , mas até mesmo inutil. Nesta justa consideração empreendi os presentes imperfeitos Idylios , julgando , que das materias , que me propuz , poderia deduzir algumas moralidades interessantes , e proveitosas aos meus Leitores. Se assim o não consegui , não nasceo ef-

ra falta do meu defejo ; e diligencia , mas sem da fraqueza do meu talento ; e fazendo eu quanto estava da minha parte , sempre vem a ficar-me o Publico em igual obrigação . A minha intenção foi justa , foi moldada pelos dictames da razão , pelas leis da decencia , e isto basta . Chamem muito embora certos Criticos ao meu estylo declamação , e gritaria , que eu sempre seguirei , que nas materias moraes , e catholicas , nenhum lugar podem ter os argumentos filosoficos . A pezar de tudo , sempre assim darei exercicio ao meu fraco engenho , esforçando-me ao mesmo tempo em ser util á Sociedade . Neste pensamento ha annos , que tenho escrito outras obras de muito maior porte , as quaes até ao presente me nao animei a publicar , por viver duvidoso sobre a sua acceitação : a que esta merecer agora , me abrirá caminho para ver se por meio de outras posso promover a utilidade publica , e por este modo cumprir as obrigações de bom Compatriota .

*At vero , si quis voluerit animi sui complicatam notionem evolvere , jam se ipse doceat , cum virum bonum esse , qui profit , quibus possit .*

Cicero de Offic. lib. 3. pag. 144.

## C A R T A.

Senhor Doutor Luiz Correa de França e Amaral.

**A** Migo, e Senhor: com grande, e proveitoso gosto li os admiraveis Idylios, que V. m. intenta imprimir. Confesso-lhe ingenuamente, que he huma composiçãõ digna de todo o apreço: obra de hum Arcade de tanto merecimento, e Membro daquella respeitavel, e sabia Corporaçãõ de homens, que avultou tanto na nossa Naçãõ, e cuja falra os homens doutos ainda hoje lamentaõ, e sentem. Homens, que esporeados do Patriotismo nenhuma outra cousa emprendiaõ, mais do que obras, assumptos, e objectos, que servissem de augmento ás Sciencias; de proveito, e emenda aos homens; de gloria, e de respeito á Naçãõ. Mas este Patriotismo, que juntos os animava, ainda hoje existe em cada hum dos sabios Membros, que foraõ daquelle Corpo; ainda em cada hum habita aquelle verdadeiro habito de comporem só obras, que sejaõ dignas de homem de bem, e proveitosas. E este mesmo he o que eu vejo que animou a V. m. a emprender esta taõ util obra. Sofra, Amigo, e Senhor, que eu haja de reflectir hum pouco sobre a sãbia, judicioza, e critica Prefaçãõ, que precede aos Idylios, e de quem V. m. desconfia, que lhe chamem declamaçãõ. Nada

disto tem. He huma bellissima differtação sobre o bom ufo da Poesia , e confutação do feo abuso.

Que coufa mais necessaria , mais natural , e mais propria no tempo presente , aonde , a pezar da illuminação do noſſo Reino , ha ainda muitos homens , que pelos peſſimos , e execrandos abusos da Poesia , reputaõ eſta maravilhosa Arte como indigna , e desnecessaria ? Não se lembrando , que não ha coufa , por mais santa que feja , que o abuso não possa torcer , e dobrar para os feus intereſſes. Da meſma Religiaõ ( com horror o digo ) ſe abufa ; e com eſta santa , e pura Mãi ſe mascaraõ ſordidos intereſſes , e paixões defordenadas. E nem por iſſo devemos dizer , que ſe despreze a Religiaõ. Extingaõ ſe ſim os abusos.

Todos os argumentos , que V. m. toca para demonſtrar a belleza da Poesia , ſaõ admiraveis , mageſtoſos , e verdadeiros. O certo he que os Poetas antigamente eraõ huns ſãos Filoſoſos , que por meio do agradavel incitavaõ á virtude , motejavaõ o vicio , e arredavaõ os homens de paixões defordenadas. Sempre foi huma Arte , que teve o feo primeiro ufo em os louvores do Altiffimo , e das maravilhoſas obras da ſua omniponte Mãõ. Ainda os Póvos do Senhor não tinhaõ lei eſcrita ; a lei a tinhaõ nos Verſos , e Canticos , que ſabiaõ de cór.

As meſmas peſſas theatraes , como a Tragedia , e Comedia , até agora nenhum homem razoado , e de huma ſegura erudição , deixou de dizer , que executadas , ſegundo as regras , que a

Ar-

Arte lhes prefereve , são uteis , e necessarias. Aquelle fim funesto , que nós vemos por meio da Tragedia , que acontece a hum homem , que nadando nas felicidades , esquecido da humanidade , e da Religiaõ , só apreciava faltar os seus appetites ; o vemos reduzido ou a mendigar de porta em porta para se sustentar escassamente , ou a soffrer castigos rigorosos , tudo por sua culpa , e por desordem sua. Esta vista nos horroriza , nos affusta , e nos emenda. Quantas vezes se representa a pessa , tantas representações temos. Na Comedia vemos o vicio motejado , escarnecidas as paixões desordenadas ; e esta mistura do deleite com a exprobração dos costumes , faz nos animos dos homens effeitos mais fortes , do que huma séria , e modesta invectiva. Porque os homens apõs o deleite recebem o ridiculo , que se dá aos seus costumes ; e quantas são as pessoas , que riem das extravagancias do Actor , tantas são as invectivas , que recebe quem entre elles está cheio dos mesmos vicios , que se representaõ. São á maneira dos doentes , que bebem envolto no mel , que gostãõ , o azedo , que aborrecem , mas os fara. E por esta causa diz V. m. muito bem , que os Padres da Igreja prohibiraõ a assistencia aos Espectaculos tragicos , e comicos ; pois como no Seculo quarto reinava hum gosto sórdido , e falto das regras , effeitos de barbaridade , e corrupção , a maior parte das pessoas eraõ lascivas , torpes , sanguinarias , e nellas se invocavaõ falsas Divindades , que mais horrorizavaõ aos Espectadores , do que os deleitavaõ.

Ho-

Hoje já não existe esta prohibiçaõ, nem este máo uso se executa em parte alguma; pois a mesma Cabeça da Igreja admittio estes generos de divertimentos, como meios de se extirparem muiros vicios, e desordens, pelo bom methodo, e gravidade, com que se reformou o Theatro. Na França grassavaõ impunidamente muitas desenvolturas; apenas appareceo hum Moliere, se estancaõ de huma vez muitas destas depravações. Sejaõ as obras proveitosas, logo dellas se tira utilidade.

Não preciso buscar outro exemplo, com que he prove esta verdade, do que nos seus mesmos Idylios. Aqui se acha o delcete com a utilidade, e com a moral. Aqui quem os lê recebe envoltas nas mais mimosas flores, que o encontraõ, as mais severas, e judiciosas investivas á sua vida estragada, e entranhada nos bens mundanos, esquecida totalmente da eterna felicidade.

A admiravel, e magestosa simplicidade poetica, que nelles brilha, bem deixa conhecer o fundo de Poesia, de que V. m. he dotado. Tem aquella magestade poetica, adquirida não por huma forçada rima, ou jogo de palavras, mas sim por hum Estro solido, e verdadeiro; effeito só da natureza, e de huma aturada liçaõ de bons, e antigos Poetas, aperfeiçoada com as necessarias regras da Arte. Hum Estro, e viva imaginaçaõ, que vivifica tudo, que anima as cousas insensiveis, que arrebatã, e transporta. Elles estaõ tecidos maravilhosamente com o mais nobre enredo; as distincções são vivissimas, as imagens naturaes; a fra-

se

se puríssima ; e nelles restitue a magestosa lingua Portugueza aos seus direitos , que por tantos se acha injustamente manchada. Porque nem tem aquella indigna affectação de huma frase já ha longos annos arredada de nós , nem a vergonhosa ostentação de novidade , com que de linguas estranhas sem necessidade , e contra as regras da Arte se vão furtar , não só as palavras , mas até o mesmo idiotismo , para tecerem , e ataviarem as composições.

Lembro-me , que o nosso Francisco Rodrigues Lobo se queixava no seu tempo , que a nossa lingua se achava mais remendada de palavras estrangeiras , do que a capa do mais esfarrapado mendigo. Que diria este bom Portuguez , se vivesse nos nossos tempos ; aonde tem pegado tanto a moda do idiotismo Francez ; até chegar a loucura de affectar publicamente o não se ler por authores Portuguezes ? A bella , a agradavel dedueção , com que de principios geraes passa para os particulares , e destes tira as mais nobres consequencias de huma moral solida , e christã , bem deixa conhecer não só o grande fundo de estudos , com que tem V. m. adornado a sua alma , como a sua pia Religião , e caracter de homem de bem : qualidades estas essenciaes em hum homem , ou Orador , ou Poeta.

E não era de admirar , que V. m. assim o praticasse ; pois tudo isto , e ainda mais se espera dos seus avultados estudos , e applicação , não só ás bellas Letras , como á Jurisprudencia Civil , e Practica ,

tica , e á Historia , em que tanto se deixa conhecer entre os seus Companheiros ; e bem se póde dizer com o nosso Ferreira :

*Naõ fazem damno ds Musas os Doutores ,  
Antes ajuda ds suas letras daõ :  
E com ellas merecem mais favores ,  
Que em tudo cabem , para tudo saõ .*

De maneira que em toda a parte aquelles Jurisconsultos , que eraõ primeiro fundamentados nos estudos das bellas Letras , sempre foraõ os que mereceraõ maiores creditos , e os que conhece-raõ mais profundamente a Jurisprudencia ; e os seus escritos encantaraõ , e persuadiraõ mais .

Assim , Amigo , e Senhor , anime-se a mandar imprimir esta obra . Naõ queira privar aos seus Compatriotas a lição de huma obra taõ incomparavel , donde brota tanta utilidade . Naõ fique só nos Romanos a boa fama de Patriotas , de homens entranhados na felicidade dos seus Nacionaes ; naõ se perca pois o objecto da extincta Arcadia . Naõ tema as superfieiacs investivas de quatro infunados idiotas , que por fazerem huma impertinente descripção da manhã , e juntar huns poucos de consoantes , no que elles chamaõ Versos , que-rem deslustrar homens sabios ; e como diz o nosso grande , é famoso Garçaõ , que via

..... Pedantes

*Trepados em cadeiras descompondo  
Os mais honrados Cidadãos d' Athenas  
Sem razaõ , nem vergonha .*

Naõ faça caso dos seus motejos , que nenhuns pódeni



dem haver. V. m. sabe, que a Nação está defabufada, cheia de homens de huma conhecida, e abalifada. literatura; que temos huns Monarcas, hum Ministerio, que aprecia, e estima os bons estudos, e os homens de merecimento, e que não quer privar aos seus Vassallos do que seja preciso a fundamentallos nas Sciencias; que nos gloriamos de rer hum Corpo de Sabios, que vigiaõ desveladamente pelo augmento das Artes, e Sciencias: com estes soccorros não só publique estas, como outras quaesquer obras para utilidade nossa, que ha de achar bom acolhimento.

Estimarci ter occasiões de aprender dos seus escritos, e exercitar as verdadeiras demonstrações, de quem he

De V. m.

Amigo muito venerador

Casa 1 de Novembro de 79

*Luiz Antonio Innocencio de Moura e Lemos.*

## C A R T A

*Ao Senhor Doutor Luiz Correa de Franca e Amaral.*

**E**Ntregando o meu espirito á instructiva leitura dos discretos Idylios , com que V. m. intenta novamente enriquecer a Patria , o senti transportado do mais inexplicavel gosto pelas moralidades exemplares , que em si contém , e grande lição de sabios Authores , fruto dos seus incançaveis estudos , em que mostra não só ter conseguido aquella mistura do util com o doce , que recomenda o Romano Critico ( *a* ) ; mas tambem ter vencido as difficuldades , em que tropeçaõ aquelles , a quem falta o dom de clareza , quando pretendem ser breves nas suas composições , como diz o mesmo Critico ( *b* ).

Naõ me admiro de que nas producções do seu entendimento se achem estas , e outras maravilhosas circumstancias ; pois sendo V. m. hum dos doutrissimos Socios da eruditissima Arcadia Lisbonense , só podia brotar de similhante arvore taõ fructifero tronco. A muitos Alumnos desta nova Athenas cheios de gosto , e não sei se de huma discreta emulação , eu ouvi confessar o seu merecimento , certificando que V. m. he dos que tem profundado

o

---

( *a* ) Omne tult punctum , qui miscuit utile dulci.

( *b* ) . . . . . brevis esse laboro,  
Obscurus fio.

o valor intrinseco das maiores bellezas da Poesia , e não d'os que se detém no seu superficial colorido.

Admiro neste feliz parto do seu engenho a pureza das vozes portuguezas , com que V. m. foge daquellas de que já se queixava o incomparavel Jacintho Freire de Andrade , descrevendo a vida daquelle Heróe , honra da Lusã Nação , e terror da Mahometana D. Joaõ de Castro ; e admiro tambem a perfeição com que segue o parecer de Horacio (c) , evitando palavras antiquadas , e fugindo não menos das novas , como aconselhaõ muitos Sabios. Ah , e quanto he admiravel a sua discreta reflexão em querer , que o seu Estro sómente se applique a composições moraes , por ser o principal objecto da Poesia ; o que unanimes sentem entre muitos Cicero , e Quintiliano !

Destá sorte ainda fará mais respeitavel o seu nome no Templo da Memoria , em que já occupa distincto lugar , e aonde , segundo o que V. m. refere , não deve entrar o daquelles Poetas , que applicando-se a assumptos amorosos , e pouco interessantes , fazem da nobilissima , e divina Arte Poetica occupação de ociosos , a pezar dos empahezados desvanecimentos ( como tambem affirma a sua discretissima Dissertação ) com que passeão nas praças inchados , e seguidos de huma porção do vulgo indouto , sem advertirem que a Poesia , como diz Aristoteles (d) , teve a sua origem co-

(c) Ut sylvæ foliis pronos mutantur in annos  
Prima cadunt , ita verborum vetus interit ætas.

(d) Aristot. cap. 4. da sua Poetica.

meçando a cantar as acções virtuosas dos Heróes , e os louvores de Deos , abominando o procedimento dos homens perversos ; e que Maximo Firio ( *e* ) certifica , que a Poesia differe da Filosofia , assim como differe a extensaõ do dia do gyro , que o Sol faz sobre a terra : e que cousa he a Poesia , diz o mesmo Author , senaõ huma Filosofia mais antiga no tempo , numerosa pelas consonancias da mediçaõ , e rima , e fabulosa pelos argumentos ? E a Filosofia , que cousa he senaõ huma Poetica mais moderna , livre da harmonia da rima , e mais aberta nos argumentos ? E finalmente sem ponderarem que Strabaõ ( *f* ) refere , que a Poesia existio primeiro que a Historia , que a Rhetorica , e que as outras Artes , e ainda a mesma Prosa , cuja opiniaõ seguem Pausanias , Plutarco , Clemente Alexandrino , Lactancio , e Santo Agostinho .

V. m. não deve recear , que á sua instructiva Prefaçã chamem gritaria , não só por incorrerem naquelle texto de Isaias ( *g* ) , aonde falla dos que dizem do mal bem , e do bem mal ; mas tambem porque sabe , que os maiores inimigos dos homens saõ outros homens ; assim , entre muitos Sabios , o certificou hum dos sete da Grecia .

V. m. tambem me contou , que ha sujeitos , que estimaõ em muito pouco os scientificos preceitos da observadora , e veneranda Antiquidade , dizendo , que os Authores preteritos não foraõ di-

---

( *e* ) Maximo Firio Fal. 29. ( *f* ) Strabaõ liv. 1. da Geographia.  
 ( *g* ) Isaias cap. 50.

divinos, fim humanos como elles faõ. E naõ he coufa bem digno de rifo effa ridicula absoluta, naõ ponderandõ a differença, que vai de Pedro a Pedro? Ah, que effe desprezo nasce, ou de que inteiramente ignoraõ os ditos preccitos, ou se os leraõ, de que naõ os entendem! Que faõ homens como foraõ os antigos, quem o poderá negar? Mas o que absolutamente se lhes nega, he, que tenhaõ observado as coufas da natureza taõ profundamente, como as observaraõ os Antigos em tantos Seculos, dando mais fustento ao sentido vegetativo, e mental, que ao corporal, ou, como disse Demõsthenes, que para ser fabio tinha consumido mais azeite do que vinho.

Diziaõ bem, se dissessem, que podiaõ differenciar nos preccitos, que naõ pertencem á imitação da natureza, v. g. fazer huma Tragedia em tres Actos, ou em cinco, ou ainda em quatro, como fez o noſſo famigerado Diogo de Teive, com tanto que encerre em ſi a imitação de huma Acção grave, inteira, e de juſta grandeza, com eſtylo ſuave; porém differentemente em todas as ſuas partes, e que por meio da compaixaõ, e do terror, e naõ da narraçaõ, acabe de expurgar em nós eſte genero de paixões; mas quererem fazella contra a propria verosimilhança, acabando-a com fim alegre, ou caſamento á maneira de Entremez, de nenhuma fórma póde tal ſer.

Diziaõ bem, se dissessem, que no Poema ſe podem introduzir mais ou menos peſſoas, ſendo o Herõ principal só hum, e a Acção huma só.

Fi-

Finalmente diziaõ bem, se dissessem, que a sua metrificaçãõ podia ser em Versos de consoantes interpolados, ou seguidos, ou em Oitavas, ou em Verso solto, com tanto que seja em Poesia hexametra, como ensina Aristoteles, e Horacio; pois que em todas estas qualidades de Versos o fizeram os seguintes Authores: em verso solto fez Ruccelai o seu Poema intitulado As Abelhas; Milton o Paraíso Perdido; Jeronymo Corte-Real a Batalha do Lepanto, o segundo Cerco de Dio, e os Naufragios do Sepulveda; Luiz de Racine fez hum Poema intitulado A Verdade da Religião Christã, em verso de consoante seguido, a que chamaõ Alexandrino; e tambem Voltaire a sua Henriade: em Oitavas fez Boiardo o seu Rolando Amoroso; Ariosto o seu Rolando Furioso; Tasso a sua Jerusaleem Libertada; Camões o seu Descobrimento das Indias Orientaes; Gabriel Pereira de Castro a sua Ulisséa; Vasco Mósinho de Quebedo o seu Affonso Africano; Silveira o seu Machabeo; e ainda outros de menos credito, como foraõ Macedo o seu Ulisipo; Quintela a Conversaõ, e Lagrimas da Magdalena; Mascarenhas Viriato Tragico; Silva Mascarenhas a Destruição de Hespanha; Barbuda a Vida de N. Senhora; Xavier de Menezes a Henriqueida; e S. Prospero fez hum Poema contra os Ingratos, que foi traduzido em Sextinas por Sacy; e na mesma casta de Verso fez Manoel de Galhegos o seu Templo da Memoria. Mas dizerem que as acções pôdem ser muitas, e differentes, e os Heróes do mesmo

mo-

modo, e que nestas cousas pódem fazer outros preceitos, isso he mostrar que até ignoraõ a definição do Poema, que define Aristoteles (*b*) desta maneira: Poema he a imitação de huma acção illustre, perfeita, e acabada, que tem grandeza, e extensaõ; a qual imitação se faz por narraçãõ com palavras suaves, a fim de que o nosso animo se purifique dos máos affectos; e tambem diz (*i*), que as partes do Poema devem ser seis, Fabula, Costumes, Sentenças, Perturbaçãõ, Locuçaõ, e Narraçãõ: e isto mefmo affirmaõ Enio, Diomedes, Cicero, Horacio, Vicencio Madio, Bartholomeu Lombardo, Marcial, Quadrio, Ludovico Antonio Muratori (*l*), e o Abbade Bateux (*m*).

Naõ me esqueço do que V. m. me certificou, que ha quem diga, que todos os que seguem os preceitos nadaõ com bexigas; similhante lembrança he digna da maior lastima. Quantas obras se observaõ cheias de mil incoherencias, de que se riem, e rirão sempre naõ só os Sabios, mas ainda os que tiverem a curiosidade de observar os préceitos, que escreveraõ tantos insignes Mestres? O nosso Portugal seria felicissimo em producções literarias; se nelle houvesse o saudavel uso da Critica, sem que esta fosse confundida com a Satyra, que he o que de ordinario nelle mais reina, applicando-se muitos engenhos a libellos infamatorios, em que descobrem as faltas do seu proximo, como

---

(*b*) Aristotel. particul. 34. e 124. (*i*) Ibid. particul. 39. 124. e 127.

(*l*) Murator. tom. 1. liv. 2. fol. 349. (*m*) Bateux not. ao v. 160. do 3. Cant. da Art. Poetic. de Despreaux.

mo discretamente expressa a sua Prefação, sem advertirem, que a gente estima semelhantes obras da mesma sorte que aquelle, a quem foi revelado algum occulto defeito; porque supposto goste da noticia, sempre abomina o noticiador, reconhecendo-o por incapaz de se confiar d'elle. Em que multidaõ de descuidos não cahiraõ no Seculo passado muitos Poetas, e principalmente os da Hespanha, não só por faltarem nas suas Comedias ás tres unidades, tempo, lugar, e acção, mas pela mistura, que fizeraõ no sério com o jocoso, introduzindo-lhes tambem Reis, e Principes, contra o preceito de Aristotèles (n), que diz ser a Comedia huma imitação dos peiores homens (isto he dos homens mais ordinarios) o que tambem assim o certifica Dacier (o)!

Quem não rirá vendo em huma das Comedias de Lope da Vega apparecerem no primeiro Acto Valentin, e Orson meninos, e no terceiro velhos com barbas brancas? Quem não rirá vendo em as Comedias intituladas Los Siete Infantes de Lara, e la Venganza en el despeño, ambas de D. Juan de Matos Fragofo, ser preciso para succeder o que refere cada huma vinte annos; e nas duas intituladas Los Siete Dormientes, e San Amaro, ser preciso que dure cada huma duzendos annos? Quem poderá sustentar o riso vendo em a Comedia de Lope intitulada El Amigo hasta la Muerte, figurar o Poeta o lugar aonde se representa

hu-

---

(n) Aristotel. Poetic. cap. 5. (o) Dacier not. 1. ao cap. 5. da Poetic. de Aristotel.



hum a vez em Tetuaõ , outra em Sevilha , outra em Cádis , e outra em Gibraltar ; e em as duas Comedias de Calderon , a primcira intituldã Para vencer Amor querer vencerle , parte da representaçã em os Suiços , e parte em Ferrara ; e a segunda intitulada Dicha y Desdicha del Nombre , parte da representaçã em Parma , e parte em Milaõ. Infinitos destes exemplos se pôdem ver em Cascales (p) , e em Luzan (q) Authores de avultado merecimento , e ambos Hespanhoes de naçaõ ?

Quem naõ rirá tambem daquella monstruosa memoria , que se nos inculca em certa Ecloga Portugueza moderna , onde hum Pastor repete sem a minima falta cincoenta , ou sessenta Oitavas , que ouvio huma só vez a dois Pastores formando sa suas queixas contra Amor ? Finalmente quem se naõ rirá daquella antifrase , usada em outra Ecloga Portugueza , tambem moderna , aonde se dá o epitheto de escaça á muita fome ! Ah , que se estes Authores observassem os infalliveis preceitos , sim nadariaõ com bexigas , mas naõ se haviaõ de affogar ; porém eu insensivelmente me fui alargando em pontos muito superabundantes ás minhas diminutas forças. Isto supposto , naõ se demore V. m. em dar ao prélo huma obra , aonde vemos renascer os Anacreontes , os Pindaros , e os Teocritos , que para defeza de alguns malevolos Zoilos , a quem hum Sabio comparou á agua , que está parada sempre em hum sitio , que com a mes-

d

ma

---

(p) Cascales Tabl. Poet. de la Tragedia pag. 346.

(q) Luzan Poet. cap. 15. pag. 419. e 420.

ma pestilencia , que vai adquirindo , se corrompe por si ; torno a dizer , que para defeza dos malevolos Zoilos tem o impenetravel escudo do seu respeitoso nome , tem as delicadas pennas de todos os doutissimos Arcades seus Collegas , que depois de serem eloquentes panegyristas do seu merecimento , haõ de ter por distincto brazaõ sahirem a câmpo , servindo-lhes a mesma penna de affiado cutelo ; e tem a eruditissima Carta , que me permittio a honra de mostrar , escrita pelo Senhor Doutor Luiz Antonio Innocencio de Moura e Lemos , que no breve quadro della mostra a litteratura , e bom gosto , com que discorre , e pelo dedo se deixa conhecer qual será o gigante. E eu reflectindo na minha incapacidade , conclúo , repetindo huns Versos , que traz o nosso maravilhoso Poeta Diogo Bernardes no seu Lima , na segunda Carta , que he escrita ao sempre digno de memoria o Doutor Antonio Ferreira.

*Em fim esta materia he-me impropria ,  
He pezo d'outros hombros , d'outro sprito ,  
A quem Febo de si dá maior copia ;  
Por tanto meu desejo , e naõ meu dito  
Recebe com amor , e attençaõ pura ,  
Que chega , onde naõ chega o curto escrito.*

Senhor D.<sup>or</sup> Luiz Correa de França e Amaral

De V. m. he humilde venerador , e criado

*Joze Maxza.*

IDY-

# IDYLIOS MORAES.

---

## O INVERNO.

### IDYLIO I.

**D**A paz, da doce paz os nossos prados  
Já priva o Inverno triste:  
Quer o Pastor apascentar seus gados;  
O tempo lhe resiste:  
O rijo vento, a caudalosa chã  
O obrigaõ logo a recolhêr-se á Aldêa.

Do pomifero Outono a formosura  
Vê toda ir-se murchando:  
Vê levar tudo a tempestade dura;  
Tudo em terra lançando:  
Só lhe faz companhia huma esperança  
De que apôs da tormenta vem bonança.

Naõ defanima o Lavrador prudente  
Vendo seccar-se o prado ,  
Ou que leva consigo a grossa enchente  
Quanto tem semeado ;  
Porque sabe que póde vir hum anno ,  
Que lhe compense muito maior damno.

Naõ fomos nós assim: da nossa idade  
O Inverno permanece:  
Dos annos a furiosa tempestade  
Bonança naõ conhece:  
Quem vio da vida extincta a Primavera ,  
Em vaõ emprende ser quem d'antes era.

Naõ tomará , por mais que forcejemos ,  
Aquelle doce estado ;  
Nem póde hum breve instante , que perdemos  
Ser-nos outra vez dado.  
Bem como a pedra , que no mar cahio ,  
Naõ torna a hora , que huma vez fugio.

A enrugada velhice nos carrega:  
Com o pezo dos annos ,  
Até que ás mãos da morte nos entrega  
Com os nossos enganos:  
Huma funebre , e estreita sepultura  
Devora a nossa mais feliz ventura.

Aqui vem a parar, vaidosa gente,  
Toda a vossa esperança;  
Do oiro a fome vil, que cegamente  
Em mil males vos lança.  
Revolva o Avaro do Pactolo a arêa,  
Que a ambição sua nunca verá chêa.

Pois se a vossa avidéz não se limita  
No mais rico thesoiro,  
Quem he, cegos mortaes, que vos incita,  
E arrasta atraz do oiro?  
Do abuso, que fazeis do entendimento,  
Só nascer pôde hum tão absurdo intento.

Conheceis, que os mais ricos bens mundanos  
São sombra, são poeira,  
E que reside só nos Soberanos  
A gloria verdadeira:  
Mas o vosso amor proprio só consente,  
Que os olhos empregueis no bem presente.

Naõ seja assim: da razaõ nossa usemos,  
Ouçamos o seu brado:  
Ella nos clama, que aspirar devemos  
A hum mais ditoso estado.  
Ah! corramos áquelle bem eterno,  
Antes que chegue da idade o Inverno.

---

## A PRIMAVERA.

### IDYLIO II.

**C**omo já voar vemos livremente  
Os Zefiros soprando docemente!  
Como já fazem doce companhia  
A' doce Primavera!  
Que prazer! que alegria!  
A terra torna a ser, quem dantes era!

As neves até agora endurecidas  
Sobre os oiteiros, como derretidas  
Já se vão lá perder nos grossos rios:  
As aves já gostosas  
Em doces desafios  
Renovão suas queixas amorosas.

Já lá vão, duro Inverno, os teus rigores:  
Tudo vence Amalthca, vê que flores,  
Que bellas flores sobre a terra lança;  
Vendo pastar seu gado  
O Pastor já descança  
Sobre a viçosa relva recoitado.

Alegre o Lavrador já não recêa  
Os affaltos crueis da grossa chêa :  
Já da bonança admira a formosura ,  
De hum bosque ao doce abrigo  
Canta a sua ventura ,  
Vendo ondear o seu viçoso trigo.

Campo feliz , quanto o teu doce estado  
Merece dos mortaes ser invejado !  
A tua Primavera vem seguida  
De gostos singulares ,  
Quando a da mortal vida  
Vem misturada com crueis pezares.

Mas oh se ainda assim mesmo esta durasse !  
Se em cada anno tambem se renovasse !  
Quam diversa seria a nossa gloria !  
A nossa Primavera  
Acaba , he transitoria :  
Não torna alguem a ser quem d'antes era.

Murcha-se a flor da nossa tenra idade ;  
E logo a gentileza , a agilidade  
A menos vaõ : mas se o Estio ardente  
Te sécca , ó verde Prado ,  
Quam repentinamente  
Te vês de novas flores povoado !

Ah !

Ah miseros mortaes ! e quem differa  
Que hum tal desprezo algum de vós fizera  
Da mais bella estação dos vossos annos !  
    Que acções obraís ? que emprezas ?  
    Rodeado d'enganos  
Dais taõ bom tempo aos vicios, ás torpezas.

Eseravos do amor proprio, da vã gloria,  
Do futuro riscaís toda a memoria :  
Naõ soffreis outra lei mais que a vontade ;  
    E se taõ cegamente  
    Seguis a liberdade,  
Qual será vosso fim, barbara gente ?

Quando debaixo dos pezados annos  
Gemereis, chorareis vossos enganos ;  
» Ah ! ( clamareis em vaõ ) tempo ditoso ;  
    » Que injuria te fizemos !  
    » Sendo taõ precioso,  
» Em desmanchos, em vicios te perdemos !

He tal, mortaes, a vossa desventura,  
Que ainda vendo de perto a sepultura,  
Vos naõ desenganais perfeitamente.  
    He tal vossa cegueira,  
    Que nem ctaõ consente,  
Que conheçais a gloria verdadeira.

Mas



Mas vós, que ainda gozais da flor da idade,  
Escutai os conselhos da verdade:  
Animosos rompei do vicio os laços:  
A virtude por Norte  
Tomai, segui seus passos;  
E felizes fereis na vida, e morte.

Assim fareis, que em vós admire o Mundo  
Sempre acções filhas de hum saber profundo:  
Que a vossa fama seja remontada  
Sobre essa azul Esfera;  
E vereis bem lograda  
Da vossa idade, a doce Primavera.

---

## O V E R A Õ .

### I D Y L I O III.

**V**Em a formosa Ceres:  
De espigas louras traz cingida a frente,  
Aos mais doces prazeres  
Convida alegre a camponeza gente:  
Se o Sol a fere a prumo na espessura,  
Que sombras apraziveis lhe procura!

As aguas caudalosas  
Dos rios já não levaõ nossos prados ;  
Correm taõ vagarosas ,  
Que custa a crer que não estaõ parados ;  
Já mostraõ as arêas prateadas ,  
De buzios , de conchinhas matizadas.

Apagou-se a lembrança  
Desse invernoso tempo , taõ violento  
A' mais doce bonança ;  
Já cobre a terra de contentamento :  
Jaz sepultado o deshumano frio :  
Tudo muda em bem nosso o amigo Estio.

Oh se o tyranno Inverno  
Da nossa vida assim fosse mudavel !  
Mas ai , que elle he eterno ,  
Cada vez mais cruel , e infopportavel !  
Quem aos rigores seus se vio exposto ,  
Não espere mais ver da gloria o rosto.

Sim , miseravel gente ,  
Vede como o Veraõ da vossa idade  
Comfigo de repente  
Leva a vossa maior felicidade :  
A hum taõ penoso estado vos entrega ,  
Que em quanto vos não mata , não socega.

Naõ torna o Veraõ nosso  
Como o do tempo ; oh Ceos , e que proveito  
Asseverar eu posso  
Em taõ preciosõs dias haver feito !  
Pelo pezo dos annos opprimido ,  
Choro em vaõ taõ bom tempo haver perdido.

Coraçãõ desgraçado ,  
Aonde habitaõ mil paixões impuras ,  
Sendo só destinado  
Para morada de virtudes puras :  
Por passatempos vãos , pela vã gloria  
Cego trocaste a verdadeira gloria ?

Vê como diligente  
O Lavrador o louro trigo enfeixa ;  
Nem do Sol mais ardente  
Accommettido , hum tal trabalho deixa ;  
Mas porque ? porque vê que sem cultura ,  
Que sem trabalho naõ se dá fartura.

Mortaes ; desta maneira  
Empregais o Veraõ da vossa idade ?  
Dizei que sementeira  
Fazeis , que possa dar utilidade ?  
Se nunca pondeis na virtude os olhos ,  
Que podereis colher senaõ abrolhos ?

A próvida Formiga  
Vos lança em rosto o vosso esquecimento,  
Com sem igual fadiga  
Buscando sempre o natural sustento ;  
Mas vós em vícios torpes, e horrorosos,  
Perdeis da vida os dias mais preciosos.

---

## O O U T O N O .

### I D Y L I O IV.

**D**E quam doce prazer, de que fartura  
Enche o formoso Outono os nossos prados!  
Saltao da brenha escura  
De verde murta os Faunos coroados ;  
E á sombra dos verdores  
As Ninfas a Pomona dao louvores.

Despovoao-se as vinhas, carregados  
De uvas para o lagar huns vaõ correndo ;  
Outros já fatigados  
Andao os doces cachos espremendo,  
Todos de quando em quando  
Cópos de mosto a ti, Leneo, brindando.

Trasbordaõ os toneis , cobre-se a terra  
De bellas frutas , frutas saborosas :  
    No bosque , valle , e ferra  
S'encontraõ igualmente numerosas :  
    Saturno , esta fartura  
Teu reinado outra vez nos affegura.

Mas faz esta abundancia , em que nadamos ,  
A devida impressaõ nos nossos peitos ?  
    Ao pio Ceo louvamos  
- Por bens taõ repetidos , taõ perfeitos !  
    Fartar a natureza  
He toda a nossa principal empreza.

Occupa-nos hum cego esquecimento  
De beneficios taes , de taes favores ;  
    Porque o yaõ pensamento  
Nos diz , que somos dignos de maiores.  
    Quanto , ò soberba gente ,  
Vives , e morres desgraçadamente !

Teu ventre por teu Deos só reconheces :  
Só cumpres os preceitos da vontade ;  
    Vaidosa naõ conheces  
A origem de huma tal felicidade.  
    Se a razaõ te naõ muda ,  
A gratidaõ nos animaes estuda.

Vê como reconhecem os favores,  
E agasalhos por elles recebidos:  
    Como aos seus bemfeitores.  
Respondem mudamente agradecidos:  
    Como os respeitaõ todos  
Por fórmãs mil, por mil diversos modos.

E ainda soffres o pezo insupportavel  
De hum' taõ punivel endurecimento?  
    Merece o Ceo amavel  
Tanto desprezo, tanto esquecimento?  
    Quem vive em tal cegueira  
Em vaõ aspira á gloria verdadeira.

Em vaõ de huma alma racional se préza  
Quem assim obra, quem assim se obstina:  
    Toda a nossa grandeza  
He pura producçaõ da maõ divina.—  
    Occupe esta verdade  
O largo campo da mais larga idade.

Sim, para o fãto Empyreo as mãos ergamos:  
Clamem em grato som nossos clamores,  
    Que os bens de que gozamos,  
Da celestẽ grandeza saõ favores:  
    Que esta confissãõ pura  
Nos fará dignos da maior ventura.

F I M.



